

## A filha de Sião e o anúncio do Povo de Deus

A investigação teológica no campo da mariologia orienta-se hoje por princípios metodológicos de interpretação adequados à linguagem bíblica, que com frequência representa a colectividade num dos seus membros, o qual se torna figura e tipo de uma realidade de alcance mais vasto. No que se refere a Maria, os Evangelistas concebem-na não tanto na sua individualidade, mas enquanto personificação do povo eleito, solidária com o género humano ainda não redimido, ocupando um lugar único no mistério de Cristo, que é simultaneamente o mistério de Israel e o mistério da Igreja<sup>1</sup>. É nesta perspectiva que nos últimos cinquenta anos se tem orientado considerável número de exegetas, católicos e protestantes, na investigação relativa ao título *Filha de Sião*, aplicado à Virgem Maria. Estes estudos têm revelado grande interesse no diálogo inter-confessional entre Cristãos e Judeus.

O Concílio Vaticano II, na Constituição dogmática sobre a Igreja, atribui à Mãe de Jesus o título de «Filha de Sião», utilizando a expressão consagrada no Antigo e Novo Testamento (Miq 1,13; 4,10.14; 2Re 19,21; Is 1,8; Jer 4,31; Mt 21,5; Jo 12,15). Afirma o Concílio:

A Mãe do Redentor ocupa o primeiro lugar entre os humildes e os pobres do Senhor, os quais com confiança esperam e recebem dele a salvação. E finalmente com ela, *excelsa Filha de Sião*, após a longa espera

---

<sup>1</sup> No século XIX e nos princípios do século XX, a devoção popular concentrava-se na pessoa individual de Maria, a teologia estudava os seus privilégios, que os exegetas examinavam à luz de alguns textos essenciais do A. T.: Gen 3, 15; Is 7, 14; Prov 8, 22; Sir 24. L. ALTING von GESAU, «Alcune idee sulla mariologia attuale», in *I grandi temi del Concilio*, Roma 1965,475; I. de la POTTERIE, «La Figlia di Sion. Lo sfondo biblico della mariologia dopo il Concilio Vaticano II», *Marianum* 49 (1987) 356-376.

da promessa, cumprem-se os tempos e instaura-se uma nova economia, quando o Filho de Deus assume dela a natureza humana, para livrar com os mistérios da sua carne o homem do pecado (I.G., 55).

A referência deste texto aos «humildes e pobres» e à «Filha de Sião» não é acompanhada, como habitualmente, de qualquer citação explícita, salvo que os dois termos constituem, por assim dizer, um lugar comum da piedade veterotestamentária da Filha de Sião, figura do povo eleito portadora da promessa que se cumprirá na plenitude dos tempos<sup>2</sup>. Todavia o Concílio alude apenas à problemática que a teologia moderna vulgarizou na identificação da Mãe de Jesus com a Filha de Sião, mas sem a explicar nem assumir directamente. É que este título, desconhecido nos manuais da teologia, constitui uma novidade nos documentos conciliares.

A Encíclica *Redemptoris Mater* também se limitou a utilizar este título no contexto da Anunciação, sem referência explícita aos lugares bíblicos (R.M., 8). A razão desta atitude prudencial do Magistério deve-se talvez ao facto de os fundamentos que justificam a sua atribuição à Santíssima Virgem se encontrarem ainda em processo de sedimentação, sem que se devam reduzir a alguns textos isolados, mas ao conjunto da imagem bíblica da Virgem de Israel que deu origem a esta denominação mariológica<sup>3</sup>.

Os novos textos litúrgicos utilizam com frequência este título<sup>4</sup>. Na patrística, é muito raro o relacionamento de Maria com Sião<sup>5</sup>. Mas hoje, com o estudo sistemático do tema bíblico da Filha de Sião, que designa o Povo de Deus nas suas relações com Deus, a exegese tende a estabelecer aquela relação, vendo Maria no centro da história daquele Povo de Deus.

Os estudos modernos têm como ponto de partida e referência obrigatória um artigo de S. Lyonnet, publicado no longínquo ano de 1939<sup>6</sup>. Neste artigo, o conceituado estudioso interpreta a saudação do Anjo a Maria à luz do convite à alegria messiânica dirigido pelos profetas à Filha de Sião. Alguns anos mais tarde, abordaram o mesmo

<sup>2</sup> G. PHILIPS, *L'Église et son mystère au deuxième Concile du Vatican. Histoire, texte et commentaire de la Constitution «Lumen Gentium»*, Paris 1968, II, 231.

<sup>3</sup> N. LEMMO, «'Maria figlia di Sion', a partire da Lc 1, 26-38. Bilancio esegetico dal 1939 al 1982», *Marianum* 45 (1983) 175-258 (253). Extracto da tese de doutoramento em Teologia, na Faculdade Pontifícia de Teologia «Marianum».

<sup>4</sup> Cf. I. de la POTTERIE, a. c., n. 7.

<sup>5</sup> São paradigmáticos apenas dois textos de S. Germano de Constantinópoli (+ 733) (PG 98, 306 D. 373A).

<sup>6</sup> «Chaire kecharitomenè», *Biblica* 20 (1939) 131-141.

argumento os protestantes H. Sahlin (1945, 1949)<sup>7</sup> e A. G. Herbert (1950)<sup>8</sup>. Segundo Sahlin, o *Magnificat* é um cântico da Filha de Sião, figura tradicional do povo de Deus. Na sua interpretação há ainda outras passagens evangélicas que aludem a esta figura misteriosa, simbolizada em Maria (ex. Lc 1,4.28.35.45; 2,35; Jo 2,1-11). Por tal motivo Maria é oportunamente chamada a flor mais completa da árvore de Israel. Ela foi, no sentido mais pleno, a «verdadeira israelita» (Jo 1,47). O anglicano Herbert, seguindo as pisadas de Sahlin, depois de analisar a expressão Filha de Sião e suas variáveis no Antigo Testamento, interpreta a saudação angélica como um convite à alegria messiânica e chega à conclusão que o tema da Filha de Sião está subjacente ao texto de Lc 1-2. Posteriormente, a 10 de Janeiro de 1954, por ocasião do Ano Mariano comemorativo do centenário da definição da Imaculada Conceição de Maria, Lyonnet proferiu uma significativa conferência, na qual mostrava que no texto da Anunciação do Evangelho de Lucas há ressonâncias de três anúncios proféticos (Sof 3,14-17; Jl 2,21-27; Zac 9,9-10), todos dirigidos à Filha de Sião<sup>9</sup>. Mas não concluía ainda que a própria Virgem Santíssima fosse identificada pelo Evangelista com a Filha de Sião.

A esta conclusão havia de chegar um pouco mais tarde, em 1957, R. Laurentin<sup>10</sup>, que apresentou a mais consistente base de argumentação segundo a qual Lucas teria identificado Maria com a Filha de Sião, isto é, aquele *Resto* de Israel, humilde e pobre, ao qual endereçam os seus oráculos Sofonias (3, 14-17), Joel (2,21-27) e Zacarias (2,14; 9,9). A seu ver, os pontos de apoio sólidos para estabelecer a identificação de Maria com a Filha de Sião são a Anunciação (Lc 1,28-32), o *Magnificat* (Lc 1,46-54) e, em forma mais ténue, o Nascimento (Lc 2,1-11), bem como a Apresentação (Lc 2,35). Em todas estas passagens, Lucas *actualiza* na pessoa de Maria os textos que se referem a Sião. Acresce ainda a identificação de Maria com a *Arca da Aliança* (cf. Lc 1,35 e Ex 40,35; 1,39-46 e 2 Sam 6). Efectivamente, segundo Lc 1-2 Maria identifica-se com a Filha de Sião pelo facto de esta ser o *lugar* da presença de Deus. Deste modo, para

<sup>7</sup> *Der Messias und das Gottesvolk. Studien zur protolukanischen Theologie*, Uppsala 1945, (148-151; 183-189).

<sup>8</sup> «The Virgin Mary Daughter of Sion», *Theology* 53 (1950) 403-410; o artigo foi traduzido em francês: «La Vierge Marie, Fille de Sion», *La Vie Spirituelle* 85 (1951) 127-139.

<sup>9</sup> S. LYONNET, «Il racconto dell'Annunciazione e la maternità divina della Madonna», *La Scuola Cattolica* 82 (1954) 411-446.

<sup>10</sup> *Structure et Théologie de Luc I-II*, Paris 1957, 64-71; 148-163.

R. Laurentin a Arca da Aliança é considerada como o protótipo de Maria, residência de Deus nos últimos tempos<sup>11</sup>.

No presente trabalho, retomaremos a questão na perspectiva da teologia bíblica, abordando em primeiro lugar o tema no Antigo testamento, para de seguida passarmos à análise dos textos do Evangelho que a ela se referem.

## I — A Filha de Sião nos anúncios proféticos

O tema da Filha de Sião surge nos fins do séc. VIII A.C., com o profeta Miqueias (1,13; 4,10ss)<sup>12</sup>. A Filha de Sião deve «vir até à Babilónia» num grande movimento de libertação e de expansão. Todo o contexto é de alegria e de vitória. A expressão utilizada deve ser antiga. Os textos mais primitivos falam da «filha» de uma cidade, não em referência a essa cidade, mas a uma cidade dela dependente, embora fortificada (Num 21,25.32; 33,42). No tempo de Miqueias a Filha de Sião encontra-se nas imediações de Jerusalém e mantém estreitas relações com Samaria. Tudo indica que se trata do quarteirão novo de Jerusalém, ao Norte da Cidade de David, onde se albergavam os refugiados vindos do Reino de Israel, após a queda da Samaria, em 721. Este *Resto* de Israel estabeleu-se na colina do Templo, protegida pelo muro Norte. Era uma população que vibrava na esperança da libertação cada vez que o poder assírio enfraquecia<sup>13</sup>.

Com a Filha de Sião está conexas a imagem de um parto, apresentado ora como glorioso ora como doloroso. Miqueias evoca o nascimento do rei, que iria dar à luz aquela que estava grávida (Miq 5,2). Era o nascimento do chefe de Israel, análogo ao filho anunciado pelo profeta Isaías (7,14). Como no Egipto e na Assiro-

<sup>11</sup> Depois destes estudos pioneiros, muitos autores têm abraçado as mesmas teses, identificando Maria com a Filha de Sião. Citemos alguns deles: J. P. Audet (1956), H. Cazelles (1959; 1964; 1967; 1979); M. Thurian (1962), P. Benoit (1963), Ortensio da Spinetoli (1963), Ph. Zobel e M. Caplain (1968), L. Deiss (1968), H. Roux (1968), E. G. Mori (1969), B. Rigaux (1971), A. Feuillet (1974), A. M. Serra (1977, 1980), K. Stock (1980), I. de la Potterie (1988). Por sua vez, R. Brown (1977) é crítico em relação à referida exegese. As referências bibliográficas encontram-se no citado artigo de N. LEMMO.

<sup>12</sup> Cf. H. CAZELLES, «La fonction éternelle de Sion et de Marie», in *Maria in Sacra Scriptura*, VI, Romae 1967, 165-178.

<sup>13</sup> Segundo A. PETITJEAN, *Les Oracles du Proto-Zacharie*, Louvain-Paris 1969, 128-160, «Sião» identifica-se simplesmente com «Jerusalém» (Sl 51, 20; Is 10, 12; Jl 3, 5). Na literatura profética, os dois termos «Sião» e «Jerusalém» indicam, num primeiro momento, não a cidade, mas os seus habitantes. Só num segundo momento denotam a sorte feliz ou dolorosa anunciada à população aglomerada nas proximidades de Sião.

-Babilónia, o nascimento do herdeiro dinástico era em Israel um acontecimento religioso notável. Os profetas Isaías e Miqueias consagram este dado teológico adquirido, que mais tarde haveria de ser retomado por Mateus (1,21-23) e por Lucas (1-2) em referência à Encarnação.

Ao lado deste parto glorioso, anunciado em Miqueias 5,1-2, o mesmo Profeta fala de um outro parto, em 4,9-10, mas que será doloroso, pois trata-se da libertação e da redenção que havia de seguir-se ao desastre do Reino Norte. Depois de ter conhecido a ruína da Samaria e a opressão assíria, esta Filha de Sião será vitoriosa, sairá das suas muralhas e estender-se-á até à Babilónia, consagrando a Jahvé os despojos conquistados (v.13).

Sabemos que esta esperança de libertação não se realizou no tempo de Miqueias. As veleidades de independência terminaram com a invasão de Senaquerib. Mas os seus sarcasmos fracassaram diante da «montanha de Sião». Nesta época Isaías retoma a expressão Filha de Sião, estendendo o seu significado a toda a cidade de Jerusalém (Is 37,22 ss; 1,26-27). Sofonias referirá igualmente os gritos de esperança da Filha de Sião: «Jahvé, teu Deus, está no meio de ti» (Sof 3,14 ss). A segunda Lamentação une intimamente o mistério doloroso de Sião ao mistério alegre da Filha de Sião:

«Deixa o teu coração gritar ao Senhor:  
oh muro da Filha de Sião!  
Deixa derramar torrentes de lágrimas,  
dia e noite,  
não te concedas repouso,  
não descansa a pupila de teus olhos!  
Levanta-te, grita de noite,  
no começo das vigílias;  
derrama teu coração como água  
diante da face de Jahvé;  
eleva-lhe tuas mãos  
pela vida dos teus filhinhos (Lam 2,18-19)».

A Filha de Sião é afinal uma mãe que intercede por seus filhos, como afirma constantemente a segunda parte do Livro de Isaías (40-55)<sup>14</sup>. Nos oráculos do 3.º Isaías (56-66), o seu parto é simulta-

<sup>14</sup> O título de «mãe» referido a Israel é raro no A. T.. Porém encontra-se com frequência o conceito da maternidade do Povo de Deus. Segundo o Sl 87, de Sião será dito: «Todo o homem ali nasceu» (v.5). Os pagãos serão adoptados pela colina sagrada, que se torna pátria de todos os homens. No texto grego lê-se o seguinte: «Mãe Sião, dirá um homem; e um homem nasceu

neamente glorioso, por se tratar do nascimento do herdeiro real, e doloroso, pois o que interessa ao profeta do Regresso é o segundo nascimento, isto é, o nascimento de um povo novo, formado por Filhos de Sião. É este o problema do novo Israel, que constitui o centro das preocupações do Trito-Isaías, que anuncia à Filha de Sião que Deus lhe concederá um «povo santo» (Is 62,2). Jahvé vai fazer nascer uma raça nova (Is 65,9), que terá um nome novo (Is 65,15), com um sacerdócio novo (Is 66,21), em novos céus e novas terras (Is 66,11-13). Estes filhos de Sião serão amamentados e reconfortados por sua mãe (Is 66,11-13), e fruirão de uma longevidade sem relação com o que até então se conhecia (Is 65,20). Todos os textos convergem no mistério da fecundidade divina do povo de Deus, que agiu em Israel por meio do *Resto*, submetido à prova, mas agraciado com os favores divinos.

Nas promessas dirigidas a este *Resto* humilde de Israel, Sofonias anuncia o estabelecimento do reino messiânico em Sião mediante o regresso dos dispersos à montanha santa, que convida à alegria:

*Rejubila, filha de Sião,  
exulta de alegria, Israel!  
Alegra-te com todo o coração,  
filha de Jerusalém!  
O Senhor revogou a tua condenação,  
dispersou o teu inimigo.  
O Senhor, Rei de Israel, está no meio de ti,  
jamais tu verás a desgraça.  
Naquele dia se dirá a Jerusalém:  
Não temas, Sião,  
Não desfaleçam as tuas mãos.  
O Senhor, teu Deus, está no meio de ti,  
como um salvador poderoso.  
Ele exulta de alegria por tua causa,  
renovar-te-á com o seu amor,  
regozijar-se-á por tua causa com gritos de alegria (Sof 3,13-17).*

Nesta passagem as expressões de convite à alegria são sublinhadas pelo motivo da presença divina (vv.15.17), que é uma característica

---

nela, e ele, o Altíssimo, a fundou» (Sl 86,5 LXX). O tema da maternidade de Sião encontra-se ainda na tradição judaica (v.g., no *Targum do Cântico* 8,5). S. Paulo fala de uma dúplice Jerusalém e de uma dúplice maternidade (Gal 4,26). Para S. João, a «mulher» junto à Cruz personifica a Filha de Sião, que congrega na unidade todos os seus filhos (Jo 11,52; 19,26). A maternidade espiritual de Maria é a realização escatológica da maternidade de Sião. A tradição patrística e medieval refere-se constantemente à maternidade da Igreja. Cf. I. de la POTTERIE, a.c., 363s.

fundamental da era messiânica<sup>15</sup>. Duas vezes afirma o profeta: «O Senhor está no meio de ti». Uma linguagem muito semelhante encontra-se no profeta Joel, que igualmente apela para a presença de Deus no meio do seu povo:

*Não temais, terra,  
mas rejubila e alegra-te,  
porque o Senhor fez grandes coisas!  
Não temais, animais do campo  
(...)  
Filhos de Sião, exultai,  
alegrai-vos no Senhor vosso Deus.  
(...)  
Vós reconhecereis que eu estou no meio de Israel.  
(Jl 2,21-23.27).*

O paralelismo entre estes dois textos verifica-se não só na exortação à alegria dirigida a Sião, mas também no uso da expressão «não temas», que é equivalente a «exulta». A mesma linguagem encontra-se ainda no seguinte texto de Zacarias:

*Rejubila, Filha de Sião,  
grita de alegria, filha de Jerusalém!  
Eis que o teu rei vem a ti:  
ele é justo e vitorioso,  
humilde, montado sobre um jumento,  
sobre um jumentinho, filho de jumenta  
(Zac 9,9).*

A partir do séc. II a.C. e até aos séc. IV-V da nossa era este texto, juntamente com Zac 2,14-15, tornou-se um lugar clássico, quer para o judaísmo, que nele reflectia a própria esperança escatológica messiânica, quer para o cristianismo, que descobria em Cristo a realização perfeita deste anúncio profético<sup>16</sup>. A profecia é evocada por Mt 21,5 e Jo 12,15. Em ambos os casos a citação não é literal. Com efeito, Mateus substitui as primeiras palavras com uma referência tomada de Is 62,11: «Dizei à Filha de Sião». Por sua vez, João recorre

---

<sup>15</sup> No Antigo Testamento «alegra-te», em relação com a presença do Senhor, lê-se onze vezes, nove das quais num contexto escatológico (Sof 3,14-16; Zac 2,14; Is 12,6; 44,23; 49,12; 54,1; Jer 31,7; Jl 2,21-23; Zac 9,9).

<sup>16</sup> Cf. A. M. SERRA, «Esulta, Figlia di Sion!» Principali riletture di Zc 2,14-15 e 9,9 a-c nel Giudaismo antico e nel Cristianesimo del I-II secolo», *Marianum* 45 (1983) 9-54.

a uma frase equivalente, que já encontramos em Sof 3,16 e Jl 2,21-22: «Não temas, Filha de Sião».

Recordemos ainda que na tradição profética a expressão «Filha de Sião» é por vezes usada juntamente com o termo «virgem»<sup>17</sup>. Isaías chama à cidade de Jerusalém «a virgem Filha de Sião» (Is 37,22). Jeremias recorre à imagem da Aliança para censurar o Povo, nestes termos:

Coisas horríveis demais  
praticou a virgem Israel (18,13).

Como castigo pela sua infidelidade, a «virgem Israel» será violada pelos seus inimigos, mas já com a promessa de «restauração»:

Eu te amei com um amor eterno;  
por isso conservei para ti o amor.  
Eu te construirei de novo e serás reconstruída,  
oh virgem Israel! (Jer 31,3-4).

Mais ainda, o profeta promete que a acção que Deus realizará no seu povo será uma criação nova:

Regressa, virgem Israel,  
Regressa a esta cidade!  
Até quando virás de cá para lá,  
filha rebelde?  
Porque o Senhor cria algo de novo sobre a terra:  
a mulher regressa ao seu marido (Jer 31,21-22).

Nestes textos o termo «virgem» tem o sentido de total e exclusiva comunhão com Deus. A Filha de Sião é «virgem», inviolada, na medida em que permanece fiel à Aliança celebrada com o Senhor<sup>18</sup>. Como recorda brevemente o Cardeal Ratzinger, «os profetas exprimiram o mistério da Eleição e da Aliança, o mistério do amor de Deus para com Israel»<sup>19</sup>.

<sup>17</sup> Cf. S. VIRGULIN, «La figlia di Sion, vergine e sposa del Signore», *Parola Spirito e Vita* 2 (1985) 31-34.

<sup>18</sup> Cf. I. de la POTTERIE, a. c., 361-3.

<sup>19</sup> J. RATZINGER, *La figlia di Sion. La devozione a Maria nella Chiesa*, Milano 1979, 14.



## II — Virgem, Esposa e Mãe

A figura da Filha de Sião, anunciada pelos profetas, era uma imagem feminina símbolo do Povo eleito, representada umas vezes como *mãe*, que deu à luz uma multidão de filhos (Sl 87); outras vezes, sobretudo no contexto da Aliança, como *esposa*, que Deus desposou num amor eterno (Os 2,2.18.21-22; 3,3-4); finalmente, como *virgem* (Is 37,22; Jer 18,13; 31,3-4.21-22), na sua fidelidade à Aliança. O Novo Testamento utiliza as mesmas referências matrimoniais, em relação a Cristo e à Igreja. A Igreja é simultaneamente *esposa* de Cristo e *virgem* (2 Cor 11,2); mas ela é também *mãe* dos membros da comunidade. Em três textos marianos (Lc 1,26-38; Jo 2,1-12; 19,25-27) encontramos estes qualificativos da Filha de Sião.

### 1 — Virgem, cheia de graça (Lc 1,26-38)

Tanto no início da Anunciação como no seguimento da narração o Anjo evoca a Maria as palavras dos profetas que se encontram em Joel (2,21), Sofonias (3,14) e Zacarias (9,9) e que são endereçadas à Filha de Sião<sup>20</sup>. O ponto de partida para uma tal aproximação é o facto que o primeiro elemento do convite introdutivo da saudação angélica (Lc 1,28) parece significar não apenas uma saudação convencional, mas um convite à alegria, como se deduz do seu uso na versão grega dos LXX e da interpretação dos Padres gregos<sup>21</sup>. Este convite à alegria é feito mediante o imperativo *chaire* («alegra-te»), que nos LXX não se encontra senão nos textos acima mencionados e em Lam 4,21 e sempre em conexão com a Filha de Sião. A dependência de Lc 1,28 em relação àqueles textos é confirmada seja por outras ressonâncias do conteúdo de Lc 1,28-33 em relação aos citados profetas, designadamente Sof 3,14-17<sup>22</sup>, seja pela forma literária destas passagens do Antigo Testamento, onde se observa como figura fundamental uma expressão tripartida que sempre contém na mesma

<sup>20</sup> Assim S. LYONNET, a. c.; P. BENOIT, «L'annonciation», in *Exégèse et Théologie III*, Paris 1968, 199 ss.; R. LAURENTIN, a. c.; J. MCHUGH, *The Mother of Jesus in the New Testament*, London, 1965, 40-43.

<sup>21</sup> Cf. S. LYONNET, a. c.; K. STOCK, «La vocazione di Maria: Lc 1,26», *Marianum* 45, (1983) 94-126.

<sup>22</sup> Cf. S. LYONNET, a. c.; 132 s.; id., «Le recit de l'annonciation et la maternité divine de a Sainte Vierge», *L'Ami du Clergé* 66 (1956); R. LAURENTIN a. c.; 54.71.

ordem três elementos formalmente iguais: convite à alegria, «pessoa» no vocativo, referência à relação com Deus como motivo da alegria<sup>23</sup>.

Este convite deve, pois, ser entendido à luz das profecias, embora nestas jamais seja dirigido a uma pessoa singular, mas sempre a uma entidade colectiva: Jerusalém, Sião, Israel, terra inteira. Maria é a única pessoa singular à qual se endereça um tal convite à alegria como vindo da parte de Deus. É um apelo que diz respeito em primeiro lugar à própria pessoa de Maria. Mas se considerarmos que os apelos deste género nos profetas eram sempre dirigidos a pessoas colectivas, não será improvável que Maria deva ser considerada não apenas como personalidade singular isolada, mas que ela represente uma inteira entidade colectiva. Todavia nos textos paralelos é frequentemente a Filha de Sião que é convidada à alegria. Portanto, em virtude das expressões bíblicas parece poder dizer-se que o convite à alegria, que noutros lugares diz respeito à Filha de Sião, mas que em Lc 1,28 é dirigido a Maria, contempla certamente a mãe de Jesus como pessoa singular, mas dirige-se simultaneamente a ela como personificação da Filha de Sião, lugar da presença de Deus.

A identificação da pessoa de Maria com o povo eleito encontra uma dúplice preparação no Antigo Testamento. No plano do vocabulário, Israel era frequentemente personificado sob os traços de uma mulher (cf. 1 Mac 2,9-11). No plano dos conceitos, a passagem da *colectividade personificada à personificação eminente* da mãe do Messias efectuava-se mediante a teologia do *Resto: colectividade restrita e escolhida*. Os profetas Sofonias (3,13) e Miqueias (4,7) identificam a Filha de Sião com o *Resto* dos últimos tempos.

Acresce ainda que o título extraordinário de *kecharitómene* («cheia de graça»), insólito nos anúncios de nascimento, representa um passivo teológico, que em contextos semelhantes do Antigo Testamento (Os 1,6; 2,3; Is 62,4.11s) designa, quando utilizado em lugar de um nome, a atitude assumida por Deus em relação a todo o povo. O verbo *charitô*, que só se encontra num outro texto do Novo Testamento (Ef 1,6), tem um valor causativo e indica a transformação operada pela graça divina<sup>24</sup>. A tradição compreendeu este termo no

<sup>23</sup> K. Stock, a. c., 109.

<sup>24</sup> cf. I. de la POTTERIE, «*kecharitómene* en Lc 1,28», *Biblica* 68 (1987) 357-382; 480-508.

sentido que Maria tinha sido purificada e santificada pela graça de Deus. Mais ainda, S. Bernardo e outros autores medievais identificam esta graça com o dom da virgindade, expressamente aludido nas palavras com que Maria reage à saudação angélica, que quanto ao sentido poderíamos traduzir: «Como vai isso acontecer, uma vez que sou virgem» (Lc 1,34). Deste modo, Maria é a *Virgem Filha de Sião*, que personifica a imagem do Povo de Deus na sua relação com Deus. Nos textos em que aparece no Antigo Testamento, o termo *kecharitômene* refere-se à Filha de Sião. Confirma-se assim a relação de Lc 1,28 com os convites à alegria messiânica do Antigo Testamento e portanto a função de Maria como Filha de Sião personificada.

Em favor desta relação pode-se ainda considerar a sua conformidade com o carácter global do texto, que tem uma coloração davídica. No princípio diz-se que José, esposo de Maria, pertence à casa de David (Lc 1,27) e em referência ao filho de Maria afirma-se de modo muito particularizado que nele se cumprirão as promessas feitas a David (Lc 1,32; cf. 2 Sam 7,12s)<sup>25</sup>. Ora David estabeleceu Sião como cidade real e centro do povo de Israel. David e Sião estão estreitamente ligados ente si. Por isso confirma-se a relação entre o convite feito a Maria e o convite dirigido à Filha de Sião.

Se aqui Maria é interpelada como Filha de Sião, então prova-se a sua especial posição no âmbito de todo o relato e portanto o carácter global já indicado da pericope. Nos convites veterotestamentários à alegria, a Filha de Sião ocupa lugar de figura principal, enquanto destinatária das acções salvíficas de Deus. Assim também com este apelo Maria é colocada no centro das atenções. Além disso, a sua importância em relação à Filha de Sião aumenta ainda. Diversamente dos textos sobre a Filha de Sião, para Maria o convite à alegria está inserido numa narrativa de vocação. À Filha de Sião no Antigo Testamento era anunciado o agir do Senhor; ela aparecia como a evidente destinatária deste agir, mas não comprometida como colaboradora. Ao contrário, Maria é chamada a cooperar por meio da maternidade. Também, no que a ela se refere, Deus age em sentido próprio, mas de modo a torná-la participante da sua acção salvífica. Este significado do anúncio do anjo, segundo o qual Maria encarna a Filha de Sião, dá à posição e ao múnus de Maria neste relato uma dimensão mais profunda.

---

<sup>25</sup> R. LAURENTIN, *Structure et Théologie de Luc I-II*, Paris 1964, 155-161.

Observe-se, finalmente, que esta figura é por vezes na Bíblia o émulo da «Filha da Babilónia» (Is 47,1; Zac 2,11; Sl 137,8) e das «filhas das nações» (Is 10,30; 23,12; Jer 46,11). Lucas, porém, identifica Maria não como a Filha de Sião em geral, mas como a *Filha de Sião escatológica*, que é o Resto de Israel preparado para acolher a alegria messiânica. Ela é mãe e lugar da morada divina. Lucas 1-2 identifica a mãe pessoal do Messias e o povo que lhe deu origem, a concepção física de Cristo e a habitação espiritual de Jahvé na Filha de Sião<sup>26</sup>.

S. Lucas reconheceu na Virgem Maria a Filha de Sião do Antigo Testamento, a Filha de Sião escatológica, a «incarnação do resto» fiel de Israel, que na sua pobreza e santidade espera com alegria a manifestação de Deus no seu ungido. Maria, Filha de Sião, tornar-se-á a mãe do Messias e no momento da sua concepção virginal Jahvé estabelecerá nela a sua morada, como outrora na Arca da Aliança<sup>27</sup>.

A afirmação que Maria é a Filha de Sião, implica que ela realize o mistério da Igreja, que a sua vocação tenha uma dimensão eclesial. O anjo da Anunciação não se limita a endereçar-lhe simplesmente uma saudação, mas dirige-lhe o convite à alegria e à exultação (Lc 1,28; cf. Zac 2,14; 9,9; Sof 3,14). O motivo é o seguinte: tomando carne no seu seio (Lc 1,31), o Filho de Deus vem à Filha de Sião, estabelece no meio dela a sua morada (cf. Zac 2,14.15; 9,9; Sof 3,15.17), como Rei da nova casa de Jacob (Lc 1,32-33; cf. Zac 2,15; 9,9; Sof 3,15) e como Salvador (Lc 1,31; 2,11; cf. Zac 9,9; Sof 3,17). Deste modo, irrompe no mundo a alegria messiânica e estabelece a sua morada na Virgem.

A mensagem e a pessoa à qual ela se dirige assumem um valor comunitário, uma dimensão eclesial. Nossa Senhora é interpelada com o convite à alegria messiânica, típica dos vaticínios de Sofonias sobre a Filha de Sião. Estes vaticínios influenciaram mesmo literariamente o relato evangélico. Não há uma única expressão no texto de Lucas 1-2 que não tenha sido escolhida para comunicar o mistério eclesial de Maria, a verdadeira Filha de Sião, a qual, como lugar da presença-habitação de Jahvé, é o ponto de partida da teologia de S. Lucas sobre a Santíssima Virgem, que percorre o itinerário da Filha de Sião no sentido colectivo à Filha de Sião no sentido individual.

O Anjo revelador esgotou a sua missão ao receber de Maria a sua resposta de colaboração: «Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim

<sup>26</sup> M. THURIAN, *Marie, Mère du Seigneur, figure de l'Eglise*, Taizé 1962, 30.

<sup>27</sup> E. G. MORI, *Figlia di Sion e Serva di Yahvéh nella Bibbia e nel Vaticano II*, Bologna 1969, 107-158; *Idem*, «Aurora luminosa», in *La madre di Dio*, Brescia 1975, 280-285.

segundo a sua palavra» (Lc 1,38). O evangelista acrescenta: «E o Anjo deixou-a» (Lc 1,38b). Esgotado o seu múnus de mensageiro, Gabriel parte como que para transmitir a Deus a aceitação de Maria.

Podemos afirmar que o *fiat* de Maria encontra bons paralelos nas respostas de fé do povo eleito ao seu Deus. Neste ponto central da história da salvação, é não já a assembleia de Israel a ser interpelada em virtude da aliança, mas é Maria, pessoa individual, em cujo seio Deus se vai fazer homem. A resposta comunitária de fé, típica de Israel em relação à aliança, é agora colocada nos lábios de Maria, a Virgem de Nazaré, que é a perfeição personificada do povo eleito a caminho de Cristo.

## 2 — *Esposa e Mãe* (Jo 2,1-12; 19,25-27)

Em duas passagens do quarto Evangelho, Jesus em vez de invocar Maria como «Mãe» chama-lhe «Mulher» (Jo 2,4; 19,26). Este facto tem uma explicação exegética. É que este título evoca o grande símbolo bíblico da Filha de Sião, a Sião messiânica, que convida todas as gentes a entrarem no novo Povo de Deus.

O episódio das núpcias de Canã (Jo 2,1-12) tem um significado simbólico muito profundo. Ele constitui «o princípio dos sinais», pelos quais Jesus «manifestou a sua glória» (v.11). A água é transformada em vinho, que na tradição judaica simbolizava a era messiânica. Deste modo, as núpcias de Canã são o símbolo das núpcias messiânicas, com que se dá início à nova Aliança. A esposa destas núpcias é Maria, que diz aos servos: «Fazei tudo o que ele vos disser» (v.5), usando uma fórmula de aliança, que é um convite a obedecer à vontade de Deus<sup>28</sup>. A mãe de Jesus personifica o novo povo de Israel, disposto a concluir nova aliança. A nova Filha de Sião torna-se aqui a esposa das núpcias messiânicas, porque ao convidar os servos a obedecerem totalmente a Jesus, fala em nome do Povo de Deus.

O relato de Maria no Calvário (Jo 19,25-27) encontra-se num contexto messiânico e eclesiológico. Nele a Mãe de Jesus representa a realização messiânica do Povo de Deus. Aqui começa a maternidade espiritual de Maria, Filha de Sião. Nas palavras dirigidas por Jesus ao discípulo amado: «Eis a tua Mãe», ressoam as palavras outrora

---

<sup>28</sup> A. M. SERRA, *Contributi dell'antica letteratura per l'esegesi di Giovanni 2,1-12 e 25-27*, Roma 1977, 229-257.

proferidas pelo profeta à Filha de Sião, que vê os seus filhos regressarem do cativeiro:

«*Eis que se reuniram os seus filhos; eis todos os teus filhos que vieram de longe!*» (Is 60,4 LXX).

Maria torna-se assim a mãe do novo Povo de Deus, a mãe da Igreja e ao mesmo tempo, na sua função maternal, imagem concreta da própria Igreja.

Ao designarem Maria com a expressão «*excelsa Filha de Sião*», os Padres conciliares indicaram à exegese um horizonte de interpretação, que nos últimos tempos se tem manifestado como muito fecundo. O uso mariológico do título «*Filha de Sião*», já há muitos séculos consagrado na Liturgia, vai adquirindo progressivamente cidadania nos trabalhos de investigação bíblica e sistemática, que começam a reler os textos marianos dos Evangelhos numa panorâmica mais ampla, ou seja, por uma parte, à luz dos textos proféticos sobre a Filha de Sião, por outra parte, na perspectiva da realização messiânica e mariológica dos mesmos.

No quadro dos atributos da Filha de Sião, que é caracterizada no Antigo Testamento como *esposa, virgem e mãe*, fizemos uma releitura dos relatos marianos de Lucas e João, que atribuem estes títulos a Maria enquanto imagem de Israel e figura da Igreja. A mariologia do futuro não poderá deixar de considerar estes dados exegéticos, que contribuirão para melhor a integrarem no mistério da Igreja.

M. ISIDRO ALVES